



O papel da mulher na Medicina em uma sociedade patriarcal

 <https://doi.org/10.56238/levv15n40-057>

Carolina Zaro Correa

E-mail: czcorrea@minha.fag.edu.br

Cecília Sampaio de Souza

E-mail: cssouza@minha.fag.edu.br

Nathaly Trento Machado

E-mail: ntmachado@minha.fag.edu.br

Paula Fernanda Corrêa

E-mail: pfcorrea@minha.fag.edu.br

Eduardo Miguel Prata Madureira

E-mail: eduardo@fag.edu.br

RESUMO

O artigo discute o papel das mulheres na medicina em uma sociedade patriarcal, destacando os desafios históricos e atuais que elas enfrentam. Historicamente, as mulheres foram excluídas da profissão médica, limitadas a papéis secundários como enfermagem, devido a preconceitos sociais. Embora avanços tenham sido feitos e mais mulheres estejam entrando na medicina, elas ainda enfrentam desigualdades significativas, especialmente em termos de salários e acesso a especialidades mais prestigiadas, como cirurgia e cardiologia, tradicionalmente dominadas por homens. Áreas consideradas "femininas", como pediatria e ginecologia, são menos valorizadas e remuneradas. O artigo também aborda o impacto da vida pessoal nas carreiras femininas, destacando que as mulheres médicas, especialmente as mães, enfrentam dificuldades para equilibrar a vida profissional e familiar devido à falta de suporte institucional. Além disso, elas têm menos oportunidades de alcançar cargos de liderança nas instituições de saúde. Por outro lado, a crescente presença feminina traz benefícios à medicina, incluindo uma abordagem mais colaborativa no cuidado ao paciente e melhores resultados em ações preventivas e em populações vulneráveis. O artigo fala ainda sobre a necessidade de políticas que promovam a igualdade de gênero na medicina, garantindo igualdade de oportunidades e combate aos estereótipos.

Palavras-chave: Medicina, Mulher, Desigualdade.



1 INTRODUÇÃO

A medicina é uma área fundamental para a sociedade, responsável por cuidar da saúde e bem-estar das pessoas. No entanto, ao longo da história, a participação das mulheres na medicina tem sido frequentemente subestimada e limitada em uma sociedade patriarcal.

Neste artigo, será avaliado o papel da mulher na medicina em uma sociedade dominada por estruturas patriarcais e discutido os desafios enfrentados pelas mulheres que buscam uma carreira nessa área.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Historicamente, as mulheres foram excluídas das profissões médicas devido a normas sociais e preconceitos arraigados. No passado, a medicina era vista como uma área exclusivamente masculina, e as mulheres eram desencorajadas ou impedidas de estudar e praticar a profissão médica. As oportunidades educacionais eram limitadas para as mulheres, e era comum que elas fossem restritas a papéis de enfermagem ou assistência médica secundária.

No entanto, ao longo dos anos, as mulheres têm rompido essas barreiras e alcançado conquistas significativas na medicina. A luta pela igualdade de gênero na profissão médica tem se intensificado, e cada vez mais mulheres estão ingressando na área e desempenhando um papel crucial no cuidado de pacientes e na pesquisa médica. Entretanto, ainda seguindo os padrões patriarcais, é atribuído aos homens as especialidades nas quais é preciso ser mais agressivo e incisivo, como cirurgia, cardiologia e anestesiologia, além disso esses profissionais costumam ser os mais prestigiados e bem remunerados (NUNES, 1991).

Já as mulheres, ficam restritas, quase sempre, a especialidades ligadas às doenças crônicas ou a áreas que se assemelham ao seu papel no espaço privado (“dona de casa da medicina”), como oncologia, reumatologia, pediatria, ginecologia, visto que são áreas em que é necessário ser mais paciente, empático e delicado, isto é, características consideradas femininas, não surpreende também o fato de serem áreas em que na maioria das vezes o prestígio é difícil de ser alcançado e a remuneração é mais baixa (NUNES, 1991).

As mulheres médicas enfrentam desafios específicos em uma sociedade patriarcal. A desigualdade salarial é um problema persistente. Esse rendimento desigual acontece em diferentes aspectos, e de forma alarmante destaca-se que as mulheres médicas ganham em média 13 mil reais a menos que os homens colegas de profissão, dado que equivale a mais de 60% do rendimento dos médicos homens (WEMEDS, 2023).

Além disso, o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal é discrepante, especialmente para aquelas que são mães. A falta de suporte institucional, como licenças maternidade adequadas e creches no local de trabalho, dificulta a conciliação entre carreira e família. As mulheres enfrentam maior interferência

da vida doméstica na vida profissional do que os homens, isso reflete diretamente no tempo disponível para as atividades profissionais, produção científica e participação em eventos. Observa-se também que elas parecem obter títulos em nível de pós-graduação mais tardiamente, justamente por conta dessa relação entre vida doméstica e profissional (MARTA; 2011).

Outro desafio enfrentado pelas mulheres na medicina é o viés de gênero. Mesmo com o aumento da presença e influência feminina na Medicina, os cargos mais elevados na hierarquia profissional, junto a decisões principais nas instituições prestadoras de serviços de saúde continuam sendo ocupados, na sua grande maioria, por homens. Essa temática é significativa, pois abre espaço à discussão da igualdade de oportunidades para homens e mulheres na ocupação de cargos de liderança (MARTA, 2011).

Apesar desses desafios, as mulheres estão desempenhando um papel cada vez mais importante na medicina. Sua presença traz perspectivas únicas e enriquecedoras, e estudos mostram que a diversidade de gênero na equipe médica está associada a melhores resultados de saúde para os pacientes. Além disso, as mulheres médicas estão liderando avanços significativos em áreas específicas, como a saúde materno-infantil e a pesquisa em ginecologia.

Alguns autores afirmam que as mulheres médicas são mais propensas do que seus colegas masculinos a harmonizar a relação médico-paciente, pois adotam estilos mais democráticos de comunicação, promovem relacionamentos colaborativos, discutem mais os tratamentos e envolvendo pacientes nas tomadas de decisão (SCHEFFER; CASSENOTE; 2013).

Além disso, estudos mostram também que as condutas e práticas das mulheres médicas podem conduzir à melhor eficácia das ações preventivas; se adequam mais facilmente ao funcionamento e à liderança de equipes multidisciplinares de saúde e; levam a otimizar recursos, pois são menos inclinadas a incorporar tecnologias desnecessárias; atendem mais adequadamente às populações em contextos de vulnerabilidade; e respondem a situações que requerem a compreensão de singularidades culturais e das preferências individuais dos pacientes (SCHEFFER; CASSENOTE; 2013).

Para promover uma maior igualdade de gênero na medicina, é crucial adotar medidas que incentivem a participação das mulheres nessa área. É necessário garantir a igualdade de oportunidades educacionais e acesso a cargos de liderança, bem como implementar políticas que promovam a igualdade salarial e o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. Além disso, é fundamental educar e conscientizar a sociedade sobre a importância da diversidade de gênero na medicina e combater os estereótipos de gênero arraigados.

3 METODOLOGIA

A metodologia empregada na elaboração deste estudo, foi a revisão bibliográfica, caracterizando a pesquisa como um ensaio teórico. Foram utilizadas literaturas contidas nas bases de



dados SCIELO, além de portais de conteúdo médico. Os termos utilizados foram: mulher na medicina, desigualdade de gênero, feminina e médica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o papel da mulher na medicina em uma sociedade patriarcal tem sido desafiador e repleto de obstáculos. No entanto, as mulheres estão superando esses desafios e conquistando seu espaço na profissão médica. É crucial continuar avançando em direção à igualdade de gênero na medicina, reconhecendo o valor e a importância das mulheres como profissionais de saúde e trabalhando juntos para criar um ambiente inclusivo e equitativo para todos.



REFERÊNCIAS

MARTA, T. Gênero e carreira profissional na Medicina. v. 4, p. 73–88, 21 dez. 2011.

SCHEFFER, M. C.; CASSENOTE, A. J. F. A feminização da medicina no Brasil. *Revista Bioética*, v. 21, n. 2, p. 268–277, ago. 2013.

SILVIA REGINA NUNES. A medicina social e a questão feminina. v. 1, n. 1, p. 49–76, 1 jan. 1991.

WEMEDS, E. Desigualdade salarial na medicina: médicas ganham até R\$13 mil a menos que médicos |Portal WeMEDS. Disponível em: <<https://portal.wemeds.com.br/desigualdade-salarial-medicinas-medicos/>> . Acesso em: 26 jun. 2023.